

“UM MISTO DE ACANHAMENTO E AUDÁCIA...”: REFLEXÕES EM TORNO DA IDENTIDADE SERGIPANA (1910-1930)

META

Demonstrar a importância do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe para a formação da sociedade e mostrar como se deu a construção de um discurso sobre a identidade sergipana pautada na edificação de uma terra de Sergipe, formada de grandes homens.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
entender a importância do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe para a formação da sociedade sergipana;
e apreender como se deu a construção de um discurso sobre a identidade sergipana pautada na edificação de uma terra de Sergipe formada de grandes homens.

PRÉ-REQUISITOS

A aula anterior que trata das primeiras noções sobre o discurso modernizador das elites em Aracaju.



Tobias Barreto, uma representação de sergipanidade.
(Fontes: <http://singrandohorizontes.files.wordpress.com>).

INTRODUÇÃO

O início do século XX não foi marcado somente por mudanças no aspecto físico da capital. Uma elite se preocupou com a História e a Geografia de Sergipe, pautando-se na busca de uma identidade sergipana. Muitos enveredaram no encaço da delimitação dos limites entre Sergipe e a Bahia ou entre Sergipe e Alagoas. Outros se interessaram em saber quem era o sergipano depois de longos anos de história.

Nesta lição, vamos apreender parte dessas preocupações como uma das facetas do discurso modernizador das elites, como nos referimos na lição anterior.



Foto atual do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.
(Fontes: <http://3.bp.blogspot.com>).

RASGOS DOS APOLOGISTAS...



Nobre de Lacerda. Fonte: (SILVA, 1920:106).

Nobre de Lacerda, um dos apologistas da nova fase da cidade de Aracaju, acreditava que já se vivia um progresso mais acentuado. Em artigo publicado no jornal *O Estado de Sergipe*, em 24 de abril de 1913, contestava o artigo do francês Paulo do Walle, radicado na capital do Brasil, publicado no “*Jornal Correio*” do Rio de Janeiro. Segundo Lacerda, Walle abordava o isolamento geográfico e a supremacia de certas famílias que se revezavam no poder como responsáveis pelo atraso de Sergipe, e a cidade de Aracaju como uma “cidade de palhas”.

Mas, para Lacerda, tal depoimento cometia exageros e informações inverídicas pois:

O escritor atribui a lentidão do progresso deste Estado a dois fatores principais: a posição geográfica que o torna isolado e a supremacia de certas famílias ricas que revezam na administração “(...). Podemos apontar nominalmente os LAC que o tem dirigido, a contar da proclamação da República, sem relações de parentes entre si”. (LACERDA, 1913).

E sobre Aracaju, declarou o autor:

Aracaju... é uma das mais belas capitais do Brasil no ponto de vista de sua topografia, plano e edificações. Se o ilustre tivesse andado entre nós e conhecesse a nossa história não diria que “a maior parte das casas de palhas, irregulares, datando algumas delas dos tempos coloniais...”. Nos tempos coloniais não existia a cidade de Aracaju (...). Se nos sobrasse tempo para tanto, contaríamos aqui por miúdo a história da mudança da nossa capital, a

razão porque de praia deserta que foi converteu-se na cidade elegante que é hoje, com suas vastas ruas irrepreensivelmente alinhadas e os seus edifícios artisticamente construídos (...) Seria fastidioso capitular aqui os progressos morais e materiais de Aracaju tantos e tais são eles. (LACERDA, Op. Cit)

Destaquemos três aspectos que consideramos importantes no enunciado acima para melhor compreender o porquê da reação de Lacerda às críticas de Walle. O primeiro tem a ver com o uso da História de Sergipe como um dos seus argumentos centrais no seu embate com o estrangeiro. Voltemos ao texto acima e nos apropriemos da frase do Walle citada por Lacerda: “a maior parte das casas de palhas, irregulares, datando algumas delas dos tempos coloniais...”. A resposta do primeiro é que não há passado colonial em Aracaju. Esta cidade, prossegue o autor, surgiu de uma praia deserta e “converteu-se na cidade elegante que é hoje, com suas vastas ruas irrepreensivelmente alinhadas e os seus edifícios artisticamente construídos”.

Quando repetimos essas frases, gostaríamos que você percebesse como Aracaju passa a ser representada como uma cidade moderna, atual e não do passado. A inexistência do passado colonial é um argumento para não associá-la como não antiga.

Há desprezo pelo passado de Sergipe? Aracaju simboliza uma nova etapa na história dos sergipanos? Parece que nas entrelinhas do enunciado de Lacerda há um desprezo pelo passado, como se tudo antes fosse atraso. Aracaju se apresenta como essa nova etapa da História de Sergipe.

Outro aspecto do seu texto que gostaríamos de retomar é a resposta sobre o revezamento das famílias ricas no poder em Sergipe. Diz que pode apontar nominalmente os Presidentes que têm dirigido o seu Estado, a contar da Proclamação da República, sem possuir parentes entre si. Isto quer dizer que não existem problemas na troca de poder de um governante com o outro, funcionando a democracia como manda o modelo de Estado liberal moderno. Em outro texto, iremos apreciar melhor as relações de poder nesse período da República Velha, conhecido como tempo do coronelismo.

Além desses dois aspectos, salientamos que essas citações acima, do autor, incluindo outras, ou, melhor dizendo, o texto na íntegra, foi aceito para publicação na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em 1913. Parece que esses embates contra Walle foram bem vindos pela direção desse Instituto.

Mas, por que o artigo de Walle causou tanta inquietação em Lacerda e, possivelmente, nos intelectuais que formavam a direção do IHGS? É possível identificarmos nessa reação de Lacerda às críticas a Walle, traços da construção da identidade sergipana por parte da elite aracajuana e imersas no projeto de modernização da capital?

Silvério Leite Fontes defende a ideia de que não podemos pensar a identidade do sergipano sem compreender o seu complexo de “inferioridade” e os mecanismos de compensação desse sentimento. Diz ele que

desde os tempos coloniais há a consciência da inferioridade de Sergipe em relação à Bahia e diante do todo brasileiro. Para Fontes, há um muro, isto é, a “impossibilidade de crescer, devido a pobreza, à competição mesquinha e a mediocridade, reinantes na província”. Como resposta a essa situação muitos fogem do Estado. Fazem a emigração. Outros fomentam ódio. Ainda existem aqueles que se apresentam como protestante e inovadores, transformando-se em expoentes do povo sergipano, como Tobias Barreto, Silvio Romero, Manuel Bonfim, Jackson de Figueredo, Fausto Cardoso, entre outros. (FONTES, 1992:17).

Segundo Fontes, “a insegurança psicológica do sergipano exige que seus nomes maiores sejam reconhecidos pelos outros, para, somente assim, calarem fundo na valorização própria”. (FONTES, Op. Cit) O autor quer dizer que os nomes dos sergipanos que se projetaram fora do Estado ficam na memória coletiva sergipana. Tobias Barreto, por exemplo, é um nome que evoca no sergipano uma representação da sergipanidade. É um indivíduo que aglutina a identidade de uma coletividade.

Fontes, por fim, indaga-se sobre a continuação dessa compensação nos dias atuais (não esqueçamos que o autor escreve esse texto no início da década de 1990).

Diz o autor que, nos últimos anos, as condições econômicas variaram, com a exploração do petróleo e outras riquezas minerais extraídas do solo sergipano. Que se multiplicaram novas empresas relacionadas aos produtos agrícolas e pastoris. Diz, ainda, da criação de cursos superiores e das mudanças de valores da tradicional sociedade sergipana.

Diante dessas mudanças, faz as seguintes perguntas:

“o que pensaram, o que pensam os sergipanos de sua missão? Até pouco tempo, Sergipe era exportador de talentos, na expressão de Gilberto Amado. E talentos que se projetavam para provocar mudanças no cenário nacional. Como será doravante? O sergipano será consciente de suas potencialidades como coletividade e não somente por meio de expressões individuais? (idem, p.18)

Observe atentamente a última indagação desta citação de Fontes. Este pergunta se o sergipano continuará consciente de suas potencialidades por meio das expressões individuais que se projetaram fora do Estado ou de suas potencialidades como coletividade. Essa indagação traz implícita a ideia de que o autor considera que os sergipanos continuam os mesmos. Tanto no passado quanto nos dias atuais, a identidade sergipana se constrói a partir das potencialidades das figuras dos homens que se destacam no campo da



Fausto Cardoso – estátua localizada na praça com o nome dele- Bairro São José em Aracaju. Fonte: (judiciarium, 1999- 33).

intelectualidade, da arte e da política... Vale ressaltar que essa escolha do ser sergipano é compreendida como mecanismo de compensação do sentimento de inferioridade que existe no sergipano desde os tempos coloniais.

Essa discussão sobre “inferioridade” do sergipano, evidenciada por Fontes, é uma discussão muito complexa. Quando pensamos o termo “inferior” comparado a outro, logicamente, “superior”. Torna-se, de igual forma, complexo precisar essa inferioridade como se fosse um sentimento realmente coletivo, como se todos os sergipanos sofressem esse complexo. É muito complicado pensar que há uma coletividade que se conforma com o nome dos grandes homens, como mecanismo desse sentimento de inferioridade. Acreditamos que essa identidade a que ele se refere fazia parte da elite sergipana, principalmente de um grupo seletivo de intelectuais preocupados com a construção da identidade sergipana.

Os anos de 1870 a 1900 foram os primeiros tempos onde uma elite intelectual começou a elaborar textos em Sergipe, sobre Sergipe e para Sergipe. Questões de limites com a Bahia pautaram a maioria da produção desses intelectuais. Foram eles que primeiro forjaram as primeiras ideias sobre identidade.

Entretanto, não temos dúvida que foram as décadas de 1910 a 1930 um tempo propício para forjar a continuação desse modelo de identidade do sergipano no contexto do projeto de modernização para a Aracaju.

O uso da biografia dos considerados ilustres sergipano por parte da elite intelectual começou no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Dentre as instituições fundadas nas décadas de 1910 e 1920 em Sergipe, nenhuma se comparou ao Instituto quanto a ser um espaço onde se pensava quem era o sergipano, qual o seu território e, sobretudo, como seria o futuro de Sergipe. (SOUSA,1993: 32-33)



Interior do IHGSE no ano de 1920. Fonte: SILVA, 1920:120).

Como nos referimos anteriormente, a discussão de Nobre de Lacerda com Walle encontrou terreno propício nesse Instituto. A elite nessa instituição contribuía para forjar uma identidade para o sergipano como parte de mecanismos sutis da nova ordem social que Aracaju começava espreitar.

Fundado em 1912 por Florentino Teles de Menezes (Vide texto de apoio 02), a referida instituição promovia grandes debates sobre questões nacionais e locais, através de artigos de sua revista, nas sessões com os associados e, principalmente, nas palestras promovidas. Boa parte dos debates procurava trilhar uma perspectiva de exaltar os “grandes fatos e vultos” do passado e do presente e a busca das “origens” de Sergipe, principalmente no que tange aos seus limites com a Bahia.

É no Instituto que se dá o prosseguimento do debate sobre as divisas territoriais de Sergipe com Alagoas e principalmente com a Bahia. Os intelectuais alargaram o debate sobre o território sergipano, reforçando a tese de que a Bahia se apossou de boa parte de terras de Sergipe. (Vide texto 03)

No que se refere à memória dos “grandes homens da História”, muitos integrantes do Instituto procuraram referendar aqueles que tivessem um grande valor intelectual, artístico, político ou, como se refere FONTES, os que atuaram de uma forma que “traduz características da alma sergipana”.

Os que se destacaram no passado no campo político, artístico e intelectual são lembrados como inspiradores de uma nova era para Sergipe. São vistos como modelos de homens que venceram os problemas físicos e sociais no Estado. Nesse sentido é interessante notar que as lembranças dos “grandes sergipanos” não se processaram somente como aspecto psicológico do sentimento de inferioridade, mas como modelos a serem imitados para a construção de uma nova “ordem social” e, sobretudo, alicerçar a identificação de quem é o sergipano.

É importante ressaltar que a exaltação dos “vultos históricos” atendia ao imaginário da própria elite que pretendia perpetuar um modelo de sociedade pautado nas figuras individuais que decidiam, sozinhas, o rumo da sociedade através dos seus “talentos, e amor à pátria”.

Desta forma, o passado é percebido como ligação com o presente. Os “grandes homens” são resgatados para as páginas da História. Aparece nela a imagem do Homem ideal para edificar o país e a sociedade do trabalho, do progresso e da democracia. Conjuntamente com os ingredientes do sentimento, responsabilidade, deveres básicos para com o Estado, a nação e a comunidade, e com a valorização do trabalho, forjava-se a imagem do homem ideal. Para Sergio Miceli: O homem ideal aparece, então, como herói e tem a finalidade de dirigir capacidades e condutas. (MICELI,1988:10)

Em sua maioria, os que se destacavam no imaginário da intelectualidade do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe eram lembrados como homens que, vencendo as dificuldades na sua terra natal, conseguiram se destacar a nível nacional ou internacional. Entre estes sergipanos estavam

Tobias Barreto, Horácio Hora, Fausto Cardoso. Suas biografias eram elaboradas e publicadas na revista do Instituto, nos jornais “oficiais” e eram motivos de palestras. Além do mais, seus nomes eram emprestados a escolas e, ainda em homenagem a eles, criavam-se monumentos.

Além dos sergipanos “importantes”, outros nomes que não eram do próprio Estado foram notificados como também “grandiosos colaboradores” do Estado. Inácio Barbosa é um destes nomes. Lado a lado com a construção de sua memória, procurou-se recuperar imagens distorcidas da transferência da capital, em 1855, de S. Cristóvão para Aracaju.

Se, anteriormente, ao longo dos mais de 50 anos de existência de Aracaju, como capital de Sergipe, a transferência era vista como uma falta de patriotismo, de civismo e um atentado a uma cidade secular (FREIRE, 1977: 303), nas décadas de 1910 e 1920 iniciava-se a percepção de que houve um passo agigantado para o progresso de Sergipe. Desta maneira, o responsável pela transferência é homenageado em discursos e na edificação de monumento em sua memória. Dez anos decorridos:

quando a capital completava 60 anos, Enock Santiago, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, pronunciou conferência de homenagem à “memória augusta do benemérito fundador da cidade de Aracaju”, “o homem que deu até hoje o passo mais agigantado para o progresso da intenção província de Sergipe”.(BRANDÃO, 1973:16)



Monumento ao Inácio Barbosa, fundador de Aracaju (SILVA, 1920:125).

Em 1917, a revista do Instituto publicou os seguintes artigos sobre o fundador de Aracaju: “Acta da abertura do sarcófago do Dr. Inácio Joaquim Barbosa (BARRETO NETO: 1917, 25-26.); Movimento ao fundador de Aracaju (COSTA FILHO:1917, 31-73); Movimento do Dr. Ignácio Joaquim Barbosa, (LUIZ, José da: 1917, 27-30); Conferência Proferida pelo Barão Homem de Mello, aos 17 de março de 1917” (MELLO, Homem de: 1917, 78-89).

Em 1920, este movimento de viva simpatia pela personalidade do fundador tem continuidade entre os sócios desse Instituto, em forma de artigos, livros e discursos. Nas comemorações dos cem anos da Independência de Sergipe da Bahia, essa elite intelectual passou a produzir muitos trabalhos sobre a História de Sergipe, inclusive criando espaço de destaque para a história de Aracaju, especialmente a transferência da capital. Reforça-se a ideia de que o ato da transferência da capital foi um impulso grandioso, um projeto que possuía visão mais larga do futuro. Clodomir Silva (1920), percebendo a transferência como impulso grandioso da província de Sergipe, destacava:

A medida do presidente administrador, mal compreendida no seu tempo, influenciou consideravelmente no ânimo dos sergipanos, como um acontecimento dos de maior vulto para a vida da Província. (SILVA, 1920:124)

Inácio Barbosa é resgatado como herói. Fazem dele um dos precursores do voluntarismo e como um dos melhores representantes da alma sergipana. Reconhece-se nele o jeito audacioso como se fosse um sergipano que enfrentou as dificuldades do meio físico e social. Sua imagem era trabalhada para servir de modelo aos que acreditavam numa nova fase para Aracaju.

Havia um certo desejo por parte da intelectualidade sergipana de resgatar exemplos de gente que, no passado, se destacou também no campo intelectual. Neste sentido, Tobias Barreto é resgatado como um exemplo a ser transmitido às gerações. Na construção de sua biografia, ele aparece como uma pessoa pobre, talentosa e audaciosa.

Prado Sampaio apontava a figura de Tobias Barreto, Silvio Romero e outros sergipanos como exemplos de audácia. Para ele, esses “grandes intelectuais” do passado sergipano eram exemplos a serem imitados e uma prova incontestável de que o sergipano era capaz de sobressair-se das dificuldades vividas pelo seu meio e se projetar a nível nacional. Na prova desta afirmação, SAMPAIO fazia questão, além de mencionar os nomes, citar também as suas contribuições científicas e outras ações grandiosas.

Audaz foi Tobias Barreto, revolucionando o pensamento nacional; Sérgio Romero, escrevendo a História da Literatura Brasileira, monumento da crítica científica alicerçada sob o sentimento da autonomia intelectual da nação; Felisbela Freire, descobrindo o filão do sentimento democrático na alma nacional um estado latente à espera de momento propício para transformar em força viva do seu progresso social; Gumercindo Bessa, levando para longe o

seu ardoroso impulso em favor de futura personalidade jurídica da comunidade acreana; Ivo do Prado, procurando integralizar no rincão sergipano duas terças partes do território que a política do segundo império lhe levou, e audazes somos, finalmente, todos nós que nos vamos manifestando ao longo da evolução nacional pelo coração e pelo espírito. (SAMPAIO,1928:102)

Prado Sampaio, todavia, procurou perceber a “natureza” do sergipano ao longo da sua História através dos fenômenos da vida coletiva. Ele tentou entender os primeiros delineamentos da tradicionalidade e a força da psicologia do povo sergipano, utilizando-se das suas composições poéticas do folclore, contos, cantos, lendas e novelas. É um estudo que queria dar conta de uma análise interdisciplinar da relação entre o homem e o seu meio, levantando questões fisiológicas, psicológicas e históricas. Ambicionava compreender a “alma sergipana” e sua inserção no contexto nacional.

O estudo da relação entre homem e natureza tornou-se uma outra questão que a intelectualidade discutia no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

A fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe importa inconcusso documento de florescência intelectual sergipana, e nos fica a assinalar o momento em que a nossa inteligência se julgou apta a colaborar no grande problema da correlação entre a natureza e o homem. (SAMPAIO, 1913:24-25)

Para Sampaio, o Instituto deveria estudar a relação entre o homem, o meio geográfico em Sergipe à luz do critério da ciência social.

...as grandes possibilidades do Instituto, cujo fim a esta hora do século, não é o aclamar pontos obscuros ou recantos crepusculares, por ventura ainda existentes nos devãos de nosso teatro e História, para falar como Ratzel, mas criar o estudo da Antropo-geografia sergipana à luz do moderno critério da ciência social, porque é no aparentemente simples estudo da dependência do homem para com a terra, onde se colhe o sistema do equilíbrio resultante da luta das forças mesológicas e étnicas, e da qual se deriva a mais clara visão da coexistência social sujeita, por toda a parte, à variedade de condições vitais que lhe são particulares. (SAMPAIO, 1912: 24-25)

Segundo Fontes, Sampaio não conseguiu ir mais adiante nos estudos sobre a “alma sergipana” por conta da sua visão preconceituosa de explicação mesológica e racial dos agrupamentos humanos (FONTES,1992:1).

Mas Sampaio, ao que consta no seu livro “Sergipe: artístico, literário e científico”, não procurou minimizar as potencialidades do desenvolvimento do homem sergipano. Ele não concebia um determinismo simplista. O meio natural para ele não determinava o comportamento humano, mas

mediatizava, com condicionamentos e estímulos variados. Ele procurou, sobretudo, centrar seu estudo na percepção de que o homem era uma fonte inesgotável de criatividade e, sobretudo, audaz. Acreditava que na ação sobre o meio existia a possibilidade de libertar e alcançar um outro nível de comportamento e pensamento. Pensava, todavia, que nenhum povo estava fadado ao atraso, ao contrário, admitia que se poderia sempre construir o progresso.

O referido autor sofria influência das ideias de Ratzel. Este percebe que na relação entre os homens e os quadros naturais locais há a possibilidade da conquista da liberdade. A aceitação da existência das influências das condições naturais não implica, na argumentação de Ratzel, uma passividade total do elemento humano; pelo menos não nesse plano de definição do objeto antropogeográfico (MORAES, 1990:11). Neste sentido, segundo F. Ratzel, o homem é capaz de modificar o seu ambiente, pois ele é

sem dúvida entre os seres vivos o que tem a organização mais completa. Ele possui os melhores meios para perceber tudo aquilo que vem de fora dele e um raciocínio muito superior ao de qualquer outro animal... Para conquistar esta liberdade é necessário por outro lado que ele utilize habilmente os recursos que a natureza circundante lhe oferece. Portanto esta liberdade no fundo não é senão um dom da natureza; não porém um dom espontâneo, mas tal que deve ser conquistado a duras penas. (RATZEL, apud MORAES 1990:71)

Sampaio não minimizou os fenômenos especificamente sociais quando se preocupou com a ação dos fenômenos naturais. Neste sentido, é interessante notar como ele concebe o sergipano. Este, no seu entender, era um misto de acanhamento e de audácia. Desta forma, o meio físico e social tinha mediatizado a construção de um habitante tímido, inseguro, mas ao mesmo tempo possuidor de audácia como fenômeno de reação e revolta.

Sergipe exuberava de talentos desde cedo... É, no dever e haver espirituais na nação, seus créditos, pelas suas possibilidades grandes, aumentam dia a dia. (...) É de fato o sergipano um misto de acanhamento e de audácia, de acanhamento criado pelas condições do meio físico e social, e de audácia, como fenômeno de reação e de revolta. (SAMPAIO, 1928, 102)

Mas, quem seria esse sergipano misto de acanhamento e audácia? Todos os sergipanos? Os “grandes homens”? Em passagens do seu livro *Sergipe: artístico, literário...*, Sampaio deixa muito claro que o povo não tinha condições de dar origem a verdadeiras correntes literárias, arte etc. e que somente os homens dotados de faculdades especiais é que teriam. Nas

entrelinhas de suas conclusões, neste próprio livro, ele deixava transparecer que o povo se desenvolveria mediante os esforços dos “grandes homens”.

O pensamento de Sampaio, neste sentido, não se distanciava das ideias discutidas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Forjando uma concepção de História para a sociedade, muitos que frequentavam esta instituição excluíram a ação histórica dos diferentes segmentos sociais que nela atuaram, as experiências e os projetos diferenciados, tornando sujeitos históricos aqueles que invariavelmente e “naturalmente” conduziram os destinos da nação e da comunidade.

O saber da história de Sergipe era voltado para o culto ao herói e ao condicionamento do amor, à obediência e ao respeito às instituições sociais.

Textos complementares:

1. FRANCISCO CARNEIRO NOBRE DE LACERDA.

Nasceu no engenho São Pedro, município de Laranjeiras. Courseu seus primeiros estudos em Sergipe (Laranjeira) com os professores Justino Gomes e D. Clementina Santos. Seguiu para o Recife aos 12 anos de idade para a companhia de seu tio paterno, Dr. José Maria Carneiro de Albuquerque Lacerda, por ter perdido nessa idade o seu progenitor. Estudou no “Ginásio Pernambucano”, dirigido pelo então cônego Joaquim Arcoverde Cavalcanti de Albuquerque, posteriormente cardeal e arcebispo do Rio de Janeiro. Oito meses depois passou-se para o colégio “Dois de Dezembro”, dirigido pelo Dr. José Bandeira de Melo e mais tarde para o “Internato e Externato Pernambucano” dirigido pelo professor Manoel Alves Viana. Em 1886 matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, onde fez todo o curso, recebendo o grau de bacharel em maio de 1891. (grifo nosso) Courseu ainda o 4º ano quando foi nomeado promotor público da comarca de Maruim, por ato de 15 de agosto de 1890.

A 16 de maio de 1891 foi nomeado juiz municipal da comarca de Aracaju, cargo de que tomou posse a 16 de junho seguinte. No exercício dessa judicatura esteve por vezes servindo como juiz de direito interino da comarca.

Na organização da justiça estadual em 1891 foi nomeado juiz de direito da comarca de Gararu, por decreto de 10 de novembro. Nesse mesmo mês sobreveio o contragolpe de Estado, em consequência do qual foi dissolvida a magistratura organizada de acordo com a Constituição estadual de junho de 1891, pelo que perdeu essa judicatura.

Em 31 de dezembro de 1892 foi nomeado procurador fiscal do Tesouro do Estado, cargo que exerceu até 9 de outubro de 1894, data em que foi exonerado. Por decreto de 10 de junho de 1895 foi nomeado gerente da Caixa Econômica de Aracaju, cargo em que esteve de 13 de julho desse ano a 9 de julho de 1890, quando obteve exoneração. Em 1896

foi nomeado secretário da Prefeitura Municipal do Recife, obtendo em 1897, mediante concurso, o cargo de Juiz de Direito da comarca de Águas Belas, no referido Estado nortista. Exerceu essa judicatura até dezembro de 1901, quando, por decreto de 30 de novembro foi nomeado juiz federal do Estado de Sergipe, tomando posse a 31 de dezembro seguinte. Ainda exerce (1924) esse elevado cargo na magistratura federal. O Dr. Nobre de Lacerda serviu também como fiscal de exames junto ao Ateneu Sergipense no primeiro lustro da vida republicana.

Foi correspondente dos grandes diários cariocas “Gazeta de Notícias”, “Jornal do Brasil”, “Jornal do Comércio”.

Poeta de afinado gosto tem produzido belas jóias da poesia indígena. Foi sócio fundador do Instituto de Proteção e Assistência à Infância de Aracaju, da Liga Sergipana Contra o Analfabetismo. Foi Vice-diretor e lente catedrático de direito administrativo da Faculdade Livre de Direito Tobias Barreto, recentemente fundada em Aracaju, tendo estado na diretoria interina desde a instalação da Secretaria da mesma Faculdade. Possuindo grande vocação para o jornalismo a ele tem dispensado parte de sua atividade intelectual desde os tempos acadêmicos. Assim é que redigiu com outros “O Correio”, de Recife em 1888, “Folha de Sergipe”, em sua primeira fase, de 1894 a 1895, e na segunda até 1911 e por algum tempo o “Jornal do Povo”, de Aracaju. Colaborou em quase todos os jornais de Aracaju, nomeadamente “O Município”, 1893; “O Estado de Sergipe” e “Correio de Aracaju”.

Na imprensa tem usado os pseudônimos “Placar”, “Diabolino”, “Petrônio”, “Manoel Rômulo” e “Anthunio de Serigy”, os dois últimos na “Folha de Sergipe” e no “Jornal do Povo”.

Escreveu:

– A Década Republicana em Sergipe: estudo histórico e crítico dos acontecimentos políticos ocorridos no Estado no decênio de 1890 a 1900. Aracaju, 1906, 207 págs. in. 12º. Tip. do “O Estado de Sergipe. Editor Antonio Xavier de Assis. Este trabalho foi divulgado anteriormente no “O Estado de Sergipe” de 14 de abril a 13 de junho de 1905.

– Lanças e Troféus: poesias. Ocupa as páginas 1 a 36 do opúsculo “Evangeliários” em que saiu também uma tradução do “Cântico dos Cânticos”, poema hebreu por Salomão, feita pelo Dr. Prado Sampaio. Aracaju, 1908, Tipografia Comercial. Formato in. 8º, col. estreita.

– Discurso proferido no dia 14 de julho de 1914, como orador oficial na inauguração do novo edifício da Biblioteca Pública. No “Diário da Manhã”, de 17 do mesmo mês.

– Pedro de Calazans: principais fatores de sua formação: teoria de

Ribot; o crítico; o jurista e o poeta; sua principal feição literária; conferência realizada a 26 de fevereiro de 1915 no salão da Biblioteca Pública do Estado de Sergipe. No “O Estado de Sergipe de 3 a 6 de março seguinte.

– Rumo ao passado nos domínios do direito. No “Jornal de Notícias” de Aracaju, da 1

a 6 de dezembro de 1915.

– Às Quintas: crônicas assinadas com o pseudônimo de Gil do Norte. Jornal do Povo,

de 3 de junho de 1916 em diante.

– Discurso oficial proferido a 26 de julho de 1916 por ocasião de ser inaugurada a estátua de Monsenhor Olímpio de Souza Campos. No Jornal do Povo do dia seguinte.

– O Caso do Vênus: sentença. No mesmo jornal de 26 de dezembro de 1916.

– Diário de Chica Chaves: crônicas humorísticas assinadas com o pseudônimo de Antonio de Serigy. No mesmo jornal de 2 de maio de 1917 em diante.

– Sentença proferida nos autos da ação intentada contra a Fazenda do Estado pelo Dr. Joaquim Martins Fontes da Silva. No mesmo jornal de 23 de agosto de 1917.

– Olavo Bilac. Assinado com o pseudônimo de Arthunio de Serigy. No mesmo jornal

de 7 de janeiro de 1918.

– Sentença proferida nos autos da ação de reivindicação intentada pelo Desembargador Gonçalo de Aguiar Boto de Menezes contra Felício Dias de Melo e sua mulher, situados nos terrenos do “Saco do Congo”, termo de Aquidabã. No Correio de Aracaju, de 12 de julho de 1918.

– Organização política e administrativa; finanças e serviços públicos culturais, especialmente educativos. No Estado de Sergipe de 20 de julho de 1918 e no Jornal do Povo de 23 e 26 do mesmo mês.

– Discurso proferido na instalação do Instituto Aracajuano Protetor da Infância a 22 de novembro de 1918. No Jornal do Povo, de 23 de dezembro de 1918.

– João Alfredo. No Jornal do Povo, de 8 de março de 1919.

– Evocação a propósito do Centenário da Emancipação Administrativa de Sergipe –1820-1920. 77 págs. in. 8°. Aracaju, 1920. Composto e impresso no “estabelecimento

Gráfico” de F. Sampaio & C., Aracaju.

– Um jurista sergipano. É um estudo sobre Gumercindo Bessa e suas obras. Na revista

da Capital Federal “O Norte”, de 8 a 22 de abril de 1920. Transcrito no “Jornal do Povo”, de Aracaju, de 23 desse mês a 4 de maio seguinte.

– Cem anos de Independência. No Jornal do Povo de 7 de setembro de 1922.

Em resumo: Distinguiu-se em Sergipe como Juiz Municipal de Aracaju (1891), jornalista, poeta e historiador de A Década Republicada em Sergipe (1906) e membro e Presidente do IHGS, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe de 1927-1935.

Faleceu em 28.06.1935 em João Pessoa (PB).

FONTE: GUARANÁ, ARMINDO. Dicionário Biobibliográfico sergipano. Rio de Janeiro: Oficinas da Empresa Gráfica Editora Paulo, Pongetti & C., 1925, p.96-97. Confira o mesmo no seguinte endereço eletrônico: http://iaracaju.infonet.com.br/serigysite/includes/serigysite/242/Dicionario_Armando_Guarana_set2007.pdf

2. FLORENTINO TELES DE MENEZES

Florentino Teles de Menezes

Filho do Dr. Álvaro Teles de Menezes e da professora D. Franscina da Glória Muniz Teles de Menezes, nasceu na cidade de Aracaju a 7 novembro de 1886.

Iniciou os estudos de humanidades na Bahia, concluindo-os em Aracaju. Com decidida vocação para os estudos da matemática seguiu para o Recife no intuito de cursar a escola de engenharia de onde retirou-se por doença. Logo que se restabeleceu foi para o Rio de Janeiro, com o fim de matricular-se na Escola Politécnica, o que não fez por ter sido novamente atacado de grave moléstia.

Matriculou-se em 1906 na Faculdade de Medicina do Rio, passando depois para a da Bahia na qual cursou até o 3º ano letivo, não podendo prosseguir pelo mesmo motivo. Nomeado 2º escriturário do Tesouro do Estado em janeiro de 1912, passou depois para o cargo de amanuense da Diretoria de Instrução Pública em 15 de julho de 1915. Foi promovido a 2º escriturário por ato de 24 de abril de 1916 e a 1º, desta mesma Diretoria, a 9 de janeiro de 1919.

Foi o iniciador da ideia da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, que em pouco tempo viu realizada.

A “Sociedade Acadêmica de História Internacional” de Paris, de cuja agremiação recebeu a medalha de ouro como uma honrosa distinção pelo seu livro “Estudo Corográfico”, condecorou-o ainda com a medalha de prata pela publicação das “Leis da Sociologia”. A “Academia Física e Química Italiana” de Palermo condecorou-o também com a medalha de 1ª classe de mérito científico e humanitário, conferindo-lhe o título de membro honorário.

A Academia Latina de Ciências, Artes e Belas Letras o condecorou com o Ramo de Ouro. É doutor em sociologia; sócio correspondente do

Instituto Histórico e Geográfico de Minas; da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos; sócio correspondente da Associação da Imprensa do Amazonas, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do de Santa Catarina, do da Paraíba e do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano.

Fundou em 1918 o “Centro Socialista Sergipano” e foi o iniciador da propaganda do voto secreto em Sergipe, fundando ainda em 1923, com o Dr. Manoel dos Passos e Dr. Alcebíades Paes, o “Centro de Propaganda” do voto secreto.

Na imprensa usou dos pseudônimos: Marco, Senda, Fábio e Fábio Morelli. Colaborou no “Diário da Manhã”, “Estado de Sergipe”, “Correio de Aracaju”, sob o pseudônimo de Senda, “Jornal do Povo” e “Jornal de Notícias”.

Escreveu:

– Estudo corográfico e social do Brasil. Aracaju, 1912, 51 págs. in. 8º pq. Tipografia

Amaral de Antonio do Amaral Canuto.

– Leis de Sociologia aplicadas no Brasil. Ao erudito filósofo e ilustrado mestre Major

Dr. Liberato Bittencourt. Sincera homenagem ao talento. Em folhetim no “Estado de Sergipe de 20 de dezembro de 1912 em diante. Publicado depois em volume – 1913.

– Sobre o Muro de Jackson “Xavier Marques”. No “Diário da Manhã”, de 2 de julho de 1913.

– A guerra européia e suas conseqüências. Ao Exmo. Sr. Coronel Pedro Freire de Carvalho, muito digno Presidente do Estado. Idem de 21 de agosto de 1914.

– Apelo aos Revoltados. (Capítulo de uma obra inédita). No “Jornal do Povo”, Aracaju, de 28 de novembro e 1 de dezembro de 1914.

– Estudo de Sociologia. Desenvolvimento intelectual dos Povos. Aracaju, 1916, 114 págs. in. 8º pq., com o retrato do autor. Tip. Operária.

– Influência dos Fatores Geográficos na Formação da Sociedade Brasileira. (Memória apresentada e aprovada pelo Quinto Congresso Brasileiro de Geografia). 1916.

– Escola Social Positiva. É um trabalho de Sociologia em que o autor estuda a futura sociedade que prevê organizada sob moldes socialistas com feição aristocrática e uma elite intelectual. Aracaju, 1917, 2 volumes, 314 págs. in. 8º pq. Imprensa Popular.

– O problema socialista em Sergipe. No “Diário da Manhã” de 18 e 19 de agosto de 1917.

- O Partido Socialista Sergipano. Apelo ao “Centro Operário”. Aracaju, 1918.
- Discurso proferido no salão da Biblioteca Pública a 19 de março de 1918 por ocasião de ser inaugurado o “Centro Socialista Sergipano”. No “Diário da Manhã” de 28 do mesmo mês.
- A evolução do Socialismo. Para o erudito e talentoso sociólogo argentino Alfredo Colmo. Idem, de 25 de abril do mesmo ano.
- Socialismo e crítica. Idem 17 e 18 de maio do mesmo ano.
- O Centro pedagógico sergipano. No “Jornal do Povo”. Aracaju, de 16, 17 e 22 de agosto e 5 de setembro de 1918.
- Um caso político. No “Jornal do Povo” de 24 de dezembro de 1918. É uma ligeira apreciação sobre o folheto de Laudelino Freire, tratando do Impedimento.
- Voto Feminino. No “Jornal do Povo” de 20 de dezembro de 1919.
- A fúria de um crítico. Resposta ao Dr. Fábio Luz. “Jornal do Povo”, Aracaju, de 12 de junho de 1920.
- O voto secreto: série de artigos no “Diário da Manhã”. Aracaju, de 14 e 27 de março, 6 e 10 de abril e 26 de maio de 1923. Transcritos no “Diário de Notícias” da Bahia.
- Horrível e belo. No “Diário da Manhã”, de 19 de agosto de 1923. 169
- Discurso pronunciado na seção de instalação do Centro de Propaganda do “Voto Secreto” no salão da Biblioteca Pública a 10 de outubro de 1923. No “Sergipe Jornal” de 26 do mesmo mês.

GUARANÁ, Armindo. Florentino Teles de Menezes. In: Dicionário Biobibliográfico sergipano. Rio de Janeiro: Oficinas da Empresa Gráfica Editora Paulo, Pongetti & C., 1925, p.89 e no seguinte endereço eletrônico:

http://iaracaju.infonet.com.br/serigysite/includes/serigysite/242/Dicionario_Armindo_Guarana_set2007.pdf

3. A historiografia sergipana e as questões de limites segundo José Calasans da Silva Brandão

Acreditamos haver sido Felisbello Freire, no derradeiro capítulo da História e Sergipe, quem desencadeou o “debate histórico” de um assunto destinado a se tornar o problema mais discutido pelos nossos historiadores, ensejando uma série de pesquisas em Sergipe e na Bahia, que, se não conseguiram modificar a situação dos limites, tiveram o mérito do enriquecimento da historiografia sergipana, com o surgimento de algumas obras de excepcional importância. Assunto apaixonante, porque revestido de aspectos de reivindicação, a questão de limites mobilizou lúcidas personalidades de Sergipe e da Bahia, levando os governos dos dois Estados vizinhos e entregando à defesa dos seus respectivos interesses a ilustres historiadores. Do lado sergipano, alinharam-se Felisbello Freire, Carvalho Lima Junior, João Pereira Barreto, padre dr. José do Matos, Manuel dos Passos do Oliveira Teles, Elias Monalvão, Gervásio Prata e o maior de todos, pela obra que produziu, o general dr. Ivo do Prado Montes Pires de Franca, cuja obra Capitania de Sergipe e suas Ouvidorias tornou-se clássica no gênero. Por parte da Bahia, os historiadores José de Oliveira Campos, Francisco Vicente Viana e Braz Hermenegildo do Amaral. Na procura dos elementos necessários à elucidação e sustentação dos direitos das duas partes, foram vasculhados os arquivos brasileiros e portugueses, documentando-se fortemente, no trabalho de Ivo do Prado, a cartografia histórica. A apreciável riqueza encontrada nesse volume de papéis recolhidos e divulgados, além de tratar especificamente do caso em debate, contém subsídios de várias ordens, esclarecedores do passado sergipano na fase colonial, principalmente. Não será possível recompor a História política, religiosa, econômica, administrativa da Capitania conquistada por Cristóvão de Barros sem o conhecimento de tudo quanto se escreveu a respeito de um problema que apaixonou os sergipanos, colocando-os em atitude reivindicatória durante algumas décadas. A bibliografia, que a seguir apontamos, comprova seu valor no quadro geral da historiografia sergipana:

AMARAL, Braz do. Limites do Estado de Sergipe da Bahia. Bahia, Imprensa Oficial, 1916, v. 01

BARRETO, João Pereira. Limites de Sergipe e Bahia (síntese crítica da história destes limites). Aracaju: Imprensa Oficial, 1920.

BEZERRA, Felte. Investigações histórico-geográficas de Sergipe. Rio de Janeiro: Ed. Organização Simões, 1952.

CAMPOS, José de Oliveira e VIENA, Francisco Vicente. Estudo histórico sobre a origem histórica dos limites entre Sergipe e Bahia. Bahia: Diário da Bahia, 1891.

LIMA JUNIOR, Francisco de Carvalho. História dos Limites entre Sergipe e Bahia. Aracaju: Imprensa oficial, 1918

MATOS, João da. Sergipe-Bahia (questões de limites), 1905.

PRADO, Ivo do. A capitania de Sergipe e suas ouvidorias. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1919.

_____. Limites de Sergipe – Discussão entre louvados. Aracaju:Imprensa Oficial, 1932.

PRATA, Gevásio. Limites de Sergipe. Memória sobre os limites do Estado de Sergipe com o da Bahia, Aracaju: Imprensa oficial, 1933.

TELES, Manuel dos Passos de Oliveira. Das origens de Sergipe à vitória de Belo Horizonte. Aracaju: Impr. Oficial, 1919.

Fonte: BRANDÃO, José Calasans da Silva. Introdução ao Estudo da Historiografia sergipana. Trabalho apresentado ao V Simpósio de História do Nordeste, Aracaju: agosto de 1973, p.13-14.

CONCLUSÃO

O início do século XX a elite brasileira ansiava encontrar a identidade brasileira, a individualidade do Brasil, sua especificidade diante dos outros países. As elites regionais tendem seguir esse mesmo ritmo encontrando as especificidades locais. Ao “cantarolar” que nossa terra tem “Tobias”, “Fausto”... a elite sergipana compartilhava esse desejo, identificando a identidade sergipana na figura dos homens “ilustres”. Essa elite espreita essa sergipanidade nas figuras individuais, na gente que saiu de Sergipe e que se destacou na arte, política, literatura e filosofia... Além de ser uma lista de homens, faltando a presença feminina, como da Ítala da Silva, essa construção não dar margem a inclusão da coletividade como sugere Silvério Fontes no texto a Formação do Povo Sergipano.

Talvez em outros estados se repita esse mesmo propósito da elite sergipana. Alagoas possivelmente teve uma elite que também pensou nas figuras eminentes dos grandes homens como a identidade alagoana. Idem para outras regiões do Brasil onde a intelectualidade procurou nas figuras dos grandes homens à maneira adequada de buscar sua identidade, entregando a nação brasileira. Mas há especificidade desse propósito da elite sergipana de nos identificarmos a partir das figuras individuais. Espero que o leitor tenha sido fisgado pelo debate em questão. Muitas informações e análises ainda temos a projetar.

ATIVIDADES

1. Continue montando o seu blog. Coloque fotos e textos sobre o IHGSE.
2. Qual o conceito de Identidade sergipana defendido pela elite aracajuana nas primeiras décadas do século XX? Para responder essa questão entenda o conceito de Identidades segundo Stuart Hall (citado na bibliografia).



BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Josefa Naide. **Em Busca de Imagens Perdidas: Centro Histórico de Aracaju (1900-1940)**. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992.
- BARRETO NETO, Manoel Caldas. Acta da abertura do sarcophago do Dr. Inácio Joaquim Barbosa, **Revista do IHSE**, No. 7, vol.III, ano 1917, p. 25-26.
- BRANDÃO, José Calasans da Silva. **Introdução ao Estudo da Historiografia sergipana. Trabalho apresentado ao V Simpósio de História do Nordeste**, Aracaju: agosto de 1973.
- COSTA FILHO, Luiz José. Movimento ao fundador de Aracaju. **Revista do IHSE**, no.7, Vol.III, Ano 1917, p. 31-73.
- FONTES, Silvério Leite. **A Formação do Povo Sergipano**. São Cristovão: Programa de Documentação e Pesquisa em História/Cadernos do PDPH, 1992.
- FREITAS, Itamar. A escrita da História na “Casa de Sergipe – 1913/1999. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002
- _____. A República de Nobre de Lacerda. In: *Historiografia sergipana*. São Cristovão, Se: Editora da UFS, 2007, p. 150-158.
- FREIRE, Felisbelo. **História de Sergipe**. 2 ed. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1977.
- GUARANÁ, Armindo. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda. In: **Dicionário Biobibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro: Oficinas da Empresa Gráfica Editora Paulo, Pongetti & C., 1925, p.96-97. Confira o mesmo no seguinte endereço eletrônico: Disponível acesse: http://iaracaju.infonet.com.br/serigysite/includes/serigysite/242/Dicionario_Armindo_Guarana_set2007.pdf.
- _____. Florentino Teles de Menezes. In: **Dicionário Biobibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro: Oficinas da Empresa Gráfica Editora Paulo, Pongetti & C., 1925, p.88-89.
- IHGSE – Fotos dos fundadores e informações sobre esse instituto. Endereço eletrônico: <http://www.ihgse.com.br/historico.asp>
- JUDICIARIUM. Órgão de divulgação do Poder Judiciário, no. 36, maio de 1999.
- LACERDA, Francisco Carneiro Nobre de. O Estado de Sergipe, Aracaju, 24 de abril de 1913.
- LUIZ, José da. Movimento do Dr. Inácio Joaquim Barbosa. **Revista do IHSE** n.º.7, Vol.III, Ano 1917, p. 27-30.
- MELLO, Homem de. Conferência Proferida pelo Barão Homem de Mello, aos 17 de março de 1917, no IHGS. p. 78-89.
- MICELE, Sérgio. **O Mito do herói Nacional**. São Paulo: Contexto, 1988.
- MORAES, Antônio Carlo Robert (Org). **Ratzel**, São Paulo: Ática, 1990. NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- SAMPAIO, Prado. **Sergipe: Artístico, literário e Científico**, Aracaju, Imprensa Oficial 1928.
- _____. Etno-psicologia e geografia social sergipana. Aracaju: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, v. III, 1915, p.147-166.
- _____. Palavras de Início (Estatutos do IHGSE) em 21.09.1912, **Aracaju: Revista IHGSE**, 1913, p. 24-25
- SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe de 1434 a 1920**. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1920.
- SOUSA, Antônio Lindvaldo. **Em Nome do Progresso e da Liberdade: ordem e rebeldia no emergente processo urbano-industrial de Aracaju (1910-1930)**. Aracaju, 1993, Trabalho de conclusão do curso de Latu Sensu em Ciências Sociais, sob orientação da professora Beatriz G. Dantas, São Cristovão, UFS, 1993.